

Editorial

editorial

Num momento em que o crescimento do número de periódicos científicos espelha (se bem que de forma algo distorcida) a ampliação dos programas de pós-graduação e a melhor situação de que passou a gozar a pesquisa nas Universidades brasileiras, é consenso que o próximo passo a ser dado é o da verticalização do perfil das publicações.

Em seu quarto número, *História da Historiografia* consolida seu esforço de antecipar-se a esta tendência, dando, deste modo, continuidade a seu projeto de tornar-se um fórum de excelência no âmbito das sub-disciplinas que constituem seu foco e que são sua razão de ser.

Assim, mais uma vez brindamos os nossos leitores com artigos de pesquisadores de renome internacional no campo da História da Historiografia e da Teoria da História. Depois de Jörn Rüsen (HH, n. 2) e Hans-Ulrich Gumbrecht (HH, n. 3), é a vez do Prof. Georg Iggers honrar-nos com sua contribuição. Autor do clássico *A historiografia alemã. Uma crítica da concepção tradicional de história de Herder ao presente* (2ª edição, 1997) e de outros importantes estudos, o Prof. Iggers aprofunda a contribuição feita em seu *A ciência histórica no século XX* (2007). Fazendo o que poderíamos chamar de uma história imediata da história da historiografia, Iggers aborda as diferentes perspectivas que se colocam para a ciência histórica em tempos de "globalização".

Algumas destas perspectivas são discutidas mais detalhadamente em três outros artigos deste número. Na esteira de autores como Jenkins, Munslow e Eagleton, Fernando Amed faz uma reflexão sobre as possibilidades e limites do conhecimento histórico face às metamorfoses contemporâneas do ceticismo. O artigo de Diogo da Silva Roiz se move numa constelação homóloga, centrando-se, porém, nos debates travados em torno da dimensão narrativa do conhecimento histórico. Os desafios próprios colocados pelo atual regime de historicidade motivam ainda o estudo de Arthur Ávila sobre o fenômeno da fragmentação na historiografia norte-americana recente e, sobretudo, na forma como tal fragmentação tem sido percebida pelos historiadores daquele país. Num diagnóstico análogo ao que já fora feito por François Dosse, a discussão sobre a pluralização do discurso historiográfico parece assumir, nos Estados Unidos, um caráter mais marcadamente político que em outras comunidades historiográficas. Até que ponto esta fragmentação implicará numa despolitização do discurso historiográfico? Em última análise, a questão de fundo dos três autores diz respeito não diz respeito apenas à chamada crise da representação, mas se pergunta também sobre as eventuais implicações práticas desta crise. Posto em questão o princípio de realidade (visto que, para inúmeros intérpretes, o "real" sequer pode ser adequadamente representado), haverá ainda espaço, em história, para um princípio esperança?

De que forma o trabalho do grande historiador da cultura Johan Huizinga nos permite lançar luz sobre tais questões, é a preocupação central do artigo de Naiara dos Santos Damas Ribeiro. Ribeiro mostra como o mestre holandês desenvolveu uma abordagem extremamente original dos problemas colocados pela teoria crítica do conhecimento histórico (a partir de seu conceito de "sensação histórica"), como articulou método morfológico e preocupações de ordem pragmática. Outro grande clássico do pensamento histórico do século XX, *La Méditerranée* (1949) de Fernand Braudel, é submetido a uma cuidadosa

análise no artigo de Guilherme Ribeiro. Ao discutir o extraordinário impacto causado por esta obra, Ribeiro oferece-nos um balanço do projeto braudeliano de reconstrução – e que se que se mostraria vitorioso, ao menos na França – da historiografia numa Europa ainda em escombros.

Já o artigo de Marco Antônio Silveira nos transporta ao universo do Antigo Regime, ao desenvolver uma abordagem teórica e historiográfica do problema da autoridade no período colonial brasileiro. De forma abrangente e complexa, o autor busca identificar e reconstruir os fundamentos filosóficos da linguagem política daquela época.

O dossiê *A historiografia em época de crise: 1750-1850*, organizado por Valdeci Lopes de Araújo (cf. o respectivo texto de apresentação), oferece uma visão de conjunto sobre a escrita e o conceito de história no arco civilizacional que se estende da França e da Península Ibérica à América Latina no contexto daquilo que Reinhart Koselleck designou com seu intraduzível conceito de *Sattelzeit*.

Nossa seção de entrevistas traz o depoimento de Estevão de Resende Martins, professor da Universidade de Brasília e Presidente da Sociedade Brasileira de Teoria da História e História da Historiografia. O leitor poderá, assim, conhecer melhor a trajetória de um pioneiro brasileiro no campo da teoria da história, sua formação e sua vida dedicada à Universidade brasileira.

11

Ao leitor que se ocupa com a história da ciência certamente interessará a seção Texto e documento historiográfico, em que Deise Simões Rodrigues introduz e transcreve parte da correspondência trocada entre um dos pioneiros das ciências naturais no Brasil, Claude-Henri Gorceix, e o imperador Dom Pedro II.

Nossa seção de resenhas continua dando prova do vigor e da maturidade da reflexão brasileira no campo da teoria da história e história da historiografia. Ali os leitores terão acesso a comentários críticos de algumas das principais obras recentemente publicadas no país e no exterior.

A publicação deste número, porém, se faz sob o signo de uma grande perda. Como os demais pesquisadores da área, fomos surpreendidos, em abril último, pelo falecimento do Prof. Manuel Luiz Lima Salgado Guimarães. Mais que um dos precursores e principais responsáveis pelos avanços da história da historiografia no Brasil, Manuel Luiz Lima Salgado Guimarães foi um entusiasta desta publicação, tendo composto seu conselho consultivo desde o primeiro número. Os editores de História da Historiografia gostariam de registrar aqui não apenas sua admiração, mas também sua profunda dívida para com este grande intelectual e historiador.

Os editores